

Palavras

Ter a possibilidade de tomar a palavra, para expressar o que se pensa (sem que isso signifique qualquer imposição), constitui uma libertação muito bela. Os sistemas abertos são assim. E revelam-se tanto mais valorosos quanto mais se centram na palavra científica, sobretudo em sociedades que ainda aspiram ao desenvolvimento tecnológico. Sempre afirmei que este era o caso de Portugal. Mas será?

Deixo aqui a pergunta, que a resposta não tem espaço, por agora. O momento histórico é muito mais evolutivo do que parece, principalmente para quem anda preocupado com o volume de negócios, em vez do negócio. O dia seguinte absorve todas as capacidades disponíveis. Não se tem tempo para reflectir. Não se dispõe de tempo para analisar as catadupas de informação acessível. É necessário usar filtros a montante, que só deixem passar a página do resumo executivo. Mas a filtragem é sempre de banda estreita, para que as frequências de ruído não perturbem a decisão. Só que, acima da frequência de corte, podem ser eliminadas as genialidades da criatividade.

Este problema dos sistemas de decisão constitui um desafio à mais apurada inteligência, no sentido da emulação convergente com a inteligência humana. De facto, os humanos podem dispor de capacidades naturais que escapam aos mecanismos tecnológicos, principalmente quanto à resolução de problemas gerais.

Um problema geral dos portugueses é a sua própria língua. Qualquer governo que não a defenda (de inimigos infiltrados, muitos até sem se aperceber, estando ingenuamente do lado do inimigo) nem defina uma estratégia que a estimule (como língua viva e de futuro para muitos milhões de falantes) não merece a minha simpatia (na prática: o meu voto). Quão diversa é a orientação apercebida! Tão intenso tem sido o terrorismo linguístico nos últimos anos que, de repente, percebi ao ouvido (posso revelar prof. Almeida do Vale?) o reforço do desânimo de quem está farto de atirar palavras ao vento desnordeado: «É uma guerra perdida». Aconteceu-me depois de ter mostrado publicamente, num abuso consentido por ter tomado a palavra, que as universidades portuguesas devem falar em português: o que é isso de palavras inglesas misturadas com palavras da língua portuguesa? Falamos uma língua primitiva, sem correspondentes autóctones?

O tema já tinha sido escolhido para editorial desta edição, numa actualidade electrotécnica. Mesmo assim, querendo exprimir aos Leitores da *Electricidade* a alegria que me anima pela produção de uma nova Revista, após a suspensão temporária (dizem-me: só até Outubro) da

saída do presente formato, mal resisto a contar a minha última "batalha perdida" (exactamente na véspera da referida declaração pública) durante um plenário do conselho científico (CC) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa: a esmagadora maioria de jovens doutores que compõem esse órgão universitário, pretendendo exprimir a sua modernidade de pensamento e desejando eximir-se ao trabalho de tradução em casos de interesse particular, liberalizou a escrita em língua inglesa de dissertações de doutoramento (agora ditas "teses", do inglês *thesis*), no lugar de dissertações em português. É o fim da criação de novos termos, o caminho livre para debitar "fuzzy sets" no meio de uma expressão sobre "conjuntos difusos". A verdade é que tudo isto parece muito difuso. E quem sofre será a cultura portuguesa, pela degenerescência progressiva da nossa criatividade peculiar. Com o *Big Brother* a dizer-nos democraticamente «*You are free to speak!*», quando já todos temos o mesmo padrão de pensamento, uniformizado "à inglesa". Não percebem, meus inimigos, que o mal está em adoptar perversidades comuns? Quando se usa uma palavra errada, o erro propaga-se perniciosamente. E tantos são os exemplos em que uma língua corrige a expressão imprópria de conceitos noutra língua, num processo vivo de progressão para a perfeição.

Fico-me por aqui. Haveria muito mais a dizer, repetindo até o que já disse em vários outros lugares (e pensava cronicar em diversas edições desta revista). Palavras, leva-as o vento. Certo. Hoje, porém, as palavras também circulam na internet e chegam aos ecrãs dos nossos computadores. O correio electrónico estampa a ousadia dos medrosos, audazes à distância, com assinatura mas sem o confronto das faces, bem ao jeito da inteligência artificial, ignorante da fala das emoções: «*Foi preciso uma votação em urna e um plenário do CC para derrotar os saloios provincianos da Coordenadora!*» que se opunham à solução mais fácil da irresponsabilidade universitária. Os esclarecimentos surgiram logo a seguir por um membro dessa Comissão Coordenadora: «*Apenas faço notar que um "provinciano" é um natural de qualquer parte do País, exceptuando a capital e suas cercanias, e um "salio" é um camponês dos arrabaldes de Lisboa, pelo que me parece haver alguma contradição (iliteracia?) nos qualificativos usados pelo dito Professor*». Outro aplaude: «*Neste belo país retalhado há saloios, tripeiros, pauliteiros, etc. Tudo gente boa. Eu, por exemplo, que sou do distrito de Aveiro, não sou salio, mas sim cagaréu*». E por aí adiante, conformados com a "ditadura da maioria", nas palavras de Tocqueville (no século XIX).

Para os engenheiros são os actos que contam. As palavras servem para originar acções concretas, produtos ou factos. Mas exprimem os seus pensamentos, as ideias que procuram concretizar. No espaço cultural da língua portuguesa será natural que se usem palavras portuguesas. Diferente acção é contra-natura. Daí a perspectiva de publicar textos em português nesta revista, mesmo na fixação brasileira, (infelizmente, fica por publicar um artigo vindo de Itajubá), sem que isso condene a língua inglesa ao desprezo. Bem ao contrário. Aqui fazemos a apologia da diferenciação, dentro do respeito que cada cultura (e aplicação) merece.

Esta página "Internet" nasceu para deixar vincada a simbiose cultural da globalização, num "cozido à portuguesa" com todos os ingredientes, incluindo o bom humor. Não me sinto filho dessa intercomunicação electrónica, pois vivi muitos anos felizes sem fronteiras, a comunicar em treze línguas diferentes, pessoalmente, por todos os continentes do globo terrestre, acima de todos os nacionalismos. Sei o que é falar com humanos, meus pais e avós na História das criações do conhecimento. Por isso, eis-me interneto confesso, já mais virtual do que real.

É desse lugar incerto, a mergulhar no irreal, que digo a última impressão nesta página derradeira, uma vez que o óbvio evidenciou-se, na hora da rendição e adaptação ao espírito do tempo (estamos no século XXI!). Finalmente, pressinto encontrar a necessária tranquilidade para escrever os livros dos meus desejos, agora que foi decidida a suspensão da publicação da revista *Electricidade*.

O Director deseja distinguir, numas breves palavras de gratidão, as valiosas contribuições daqueles que, em gerações sucessivas, ao longo de 45 anos, construíram esta obra editorial, sobretudo os impulsionadores da Companhia Portuguesa de Electricidade até à Electricidade de Portugal.

O momento não é de despedida, ainda que me pareça. O Grupo EDP pretende deter o título para lhe dar continuidade. Eis o reconfortante sinal de perenidade da iniciativa, com uma nova *Electricidade*, a qual deverá melhor satisfazer os interesses dos jovens engenheiros electrotécnicos. A mim cumpre-me encerrar o ciclo de transição entre a electrificação e a computarização do País.

Com o bom humor que consigo arrebanhar: Finalmente! Mas, afinal o final mente, pois não é o fim. Prossequimos na vertical, como mostra a estética da capa deste derradeiro exemplar, em alta tensão.

São palavras. Seguem os feitos: ... e tudo assim recomeçará. **L**